

AS SURPRESAS DO OLHO

Maturana & Varela, nas preliminares do capítulo 1 de sua obra convidam o leitor a refletir sobre a Resistência que o ser humano tem em relação à tentação da certeza sobre as coisas do mundo, suas formas, cores e tudo aquilo que parece existir, porém, é produto de nossa imaginação, ou seja, em termos mais cognitivos, produto da criação de nossos estados mentais.

Para a compreensão da proposta e das argumentações do livro é necessário que o leitor se esforce para não ficar nesta zona de acomodação, ou seja, é imprescindível que nós devemos suspender todas as certezas sobre as coisas do mundo para podermos incorporar novas experiências a partir dos possíveis fenômenos decorrentes da cognição.

Em relação ao item – As surpresas do olho – as experiências ilustradas como exemplo realmente nos remetem a reflexão sobre as nossas convicções sobre as coisas que vemos. Acreditamos que o mundo é o que vemos. Algumas experiências com formas e cores revelam cenários criados por estados mentais mediante a exposição do nosso sensoramento visual. Maturana & Varela sugerem a experiência do ponto cego e das sombras coloridas. Para contribuir com este contexto dos fenômenos da cognição, propomos a realização da seguinte experiência: *“Encoste os dois dedos indicadores, ponta-a-ponta. Coloque-os a uma distância de mais ou menos 40cm a sua frente. Olhe na direção dos dedos, não diretamente, mas, para a parede ou plano que está no fundo. Faça pequenos movimentos para afastar e aproximar os dedos. Você verá algo que na realidade não existe. O que você vê?”* Então, temos a sensação (visual) de que as pontas dos dedos estão separadas. Isso é o que realmente vemos, mas não é o que existe ou o que está acontecendo de fato no mundo real.

Outra experiência interessante refere-se à observação da figura-1. O propósito é instigar a capacidade de criar na mente o conceito do tridimensional.

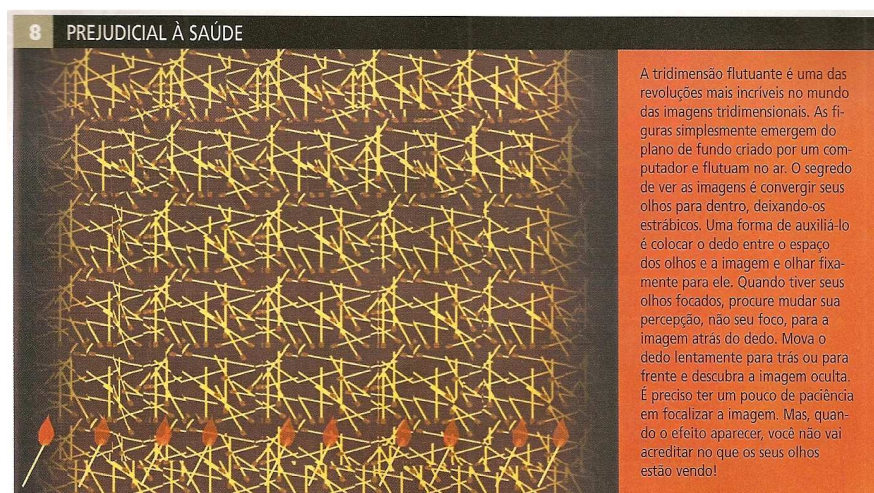


Figura 1 - experiência com 3D. (Revista Supercérebro)

Podemos claramente perceber alguns produtos emergentes deste tipo de experimentação. A indústria do entretenimento 3D, dos jogos de realidade virtual, parece “pedir emprestado do cérebro” ou usar nosso aparato cognitivo para reproduzir estas realidades simuladas.

Estas experiências e tantas outras sugerem que nossas concepções sobre as coisas podem estar equivocadas pelo vínculo à certeza que temos. Devemos refletir sobre nossos estados mentais e não deixarmos nossas convicções solidificadas pelos fenômenos da cognição.

Para complementar de modo contributivo às considerações do capítulo 1 em relação ao fenômeno cognitivo das cores e das formas nos reportamos as explicações da Psicologia da Forma em considerar a importância do sujeito e da intencionalidade da consciência para se alcançar algum conhecimento sobre determinado objeto. Esta teoria também é conhecida pelo termo alemão *Gestalt*, que significa configuração, forma ou figura estruturada. Chauí (1997) faz uma análise da sensação e da percepção do sujeito e, em comum acordo com a fenomenologia, fazem considerações críticas em relação: a) ao empirismo: por entender que a sensação não é reflexo pontual ou uma resposta físico-

fisiológica a um estímulo externo que também é pontua; b) ao intelectualismo, pois a percepção não é uma atividade sintética feita pelo pensamento sobre as sensações; c) ao empirismo e intelectualismo por entender que não há diferença entre sensação e percepção.

Para ilustrarmos tais considerações sobre o estudo da sensação e da percepção, apresentamos primeiramente a experiência de figura-e-fundo, mostrada pela figura-1.

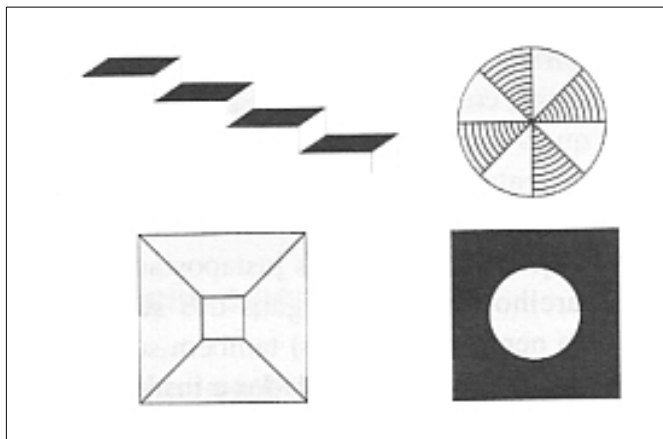


Figura 2 - experiência figura-e-fundo. (CHAUÍ, 1997)

A experiência mostra que não temos sensações parciais, mas, percepções globais de uma forma ou de uma estrutura. Observamos agora a experiência com formas incompletas, conforme ilustrado pela figura-2:



Figura 3 - experiência com formas incompletas. (CHAUÍ, 1997)

Neste caso a experiência mostra que a percepção sempre percebe uma totalidade completa, o que seria impossível se tivéssemos sensações elementares que o pensamento unificaria uma percepção.

Referências:

MATURNA, Humberto & VARELA, Francisco. A Árvore do Conhecimento. Ed. Psy II, 1995.

CHAUI, Marilena. Convite à Filosofia. Ed. Ática, São Paulo, 1997.

Revista Supercérebro. Edição especial, n.2